

Resenha da obra de Timothy George “Teologia dos Reformadores” São Paulo: Ed. Vida Nova, 1994)

QUATRO EXPOENTES DA REFORMA QUE NOS INSPIRAM

Antônio Carlos da Silva¹

INTRODUÇÃO

Timothy George é doutor em Teologia, diretor-fundador e professor da Beeson Divinity School. Nesta obra apresenta com muita profundidade o pensamento de alguns dos principais representantes do movimento reformista e analisa a validade permanente do conteúdo teológico exposto por eles. Ele faz uso de fontes primárias e secundárias fornecendo ao leitor uma literatura rica e simples. Seu embasamento bibliográfico é selecionado e comentado.

O século XVI foi uma época de violência e coerção, e os principais reformadores não eram de todo destituídos de fanatismo e intolerância, assim afirma Timothy George. Segundo ele, o que é notável nos reformadores é que, apesar de seus pontos fracos, pecados e setores cegos, eles foram capazes de aprender com muita perspicuidade o caráter paradoxal da condição humana e a grande possibilidade de redenção humana mediante Jesus Cristo. Esse interesse ancorava seu modo de encarar a igreja, o culto, o ministério, a vida espiritual e a ética. Em cada uma dessas arenas é preciso saber quais são as contribuições dos reformadores para o mundo religioso contemporâneo.

Segundo George, os cristãos devem reconhecer que a Reforma foi essencialmente um evento religioso. Em sua obra ele objetiva fazer uma

¹ Mestre em Teologia. Pós-graduado (lato sensu) em Liderança e Pastoreio. Mestrado livre em Missões. Bacharel em Teologia. Arquiteto e Professor na Faculdade Teológica Betânia. Pastor sênior na Missão Cristã Emanuel. Email. arqfim@ig.com.br

investigação profunda de diversas personalidades formadoras, em vez de uma amostra ampla extraída de uma vasta gama de pensadores religiosos. Ele cita a opinião de alguns pensadores como Hegel, Enno van Gelder e William Bouwsna quanto à importância da Reforma.

Para Hegel, a Reforma e especialmente Lutero constituíram um momento crucial na história do pensamento, visto que foi nessa conjuntura que o conceito da liberdade humana tornou-se conspícuo. William Bouwsna chamou a atenção para a importante relação entre os reformadores protestantes. Assim, referiu-se à Reforma como a concretização teológica da Renascença. Enno van Gelder, por sua vez, advoga que a Reforma é a antítese da Renascença, alegando que ela não concordava com os elementos da renascença demonstrados por eruditos como Erasmo e Montaigne.

George comenta que o propósito de seu estudo não é canonizar os reformadores. A partir desta compreensão, ele esquadrinha principalmente o contexto teológico e religioso de Lutero, Calvino, Zuínglio e Menno Simons e suas respectivas contribuições para a sua realidade eclesiástica e seus conceitos reformados de teologia. Embora divergissem um do outro, eles foram reformadores que receberam endosso das magistraturas e das autoridades civis. Serão apresentadas a seguir as abordagens peculiares a cada um destes reformadores e o cenário que cada um experimentou.

A baixa Idade Média em geral é descrita como uma época de declínio, desintegração e decadência, que se proliferavam os desmandos na igreja. O ativismo febril da religião da época levou à construção de novas igrejas, comércio de indulgências e esforço incessante para obter méritos. Do outro lado da escala social, os camponeses lutavam por livrar-se das correntes do feudalismo mediante protestos e súplicas, quando possível, e mediante revoltas sanguinárias, quando necessário. A teologia dos reformadores foi uma resposta específica à ansiedade especial da época. A reforma do século XVI foi uma continuação da busca pela igreja verdadeira que havia começado muito antes que Lutero, Calvino ou os padres de Trento entrassem na lista.

George apresenta cinco modelos conflitantes da igreja da época. O Curialismo, onde se investia na suprema autoridade do papado, tanto espiritual como natural; o Conciliarismo, o qual afirmava a superioridade dos concílios ecumênicos sobre o papa

no governo e na reforma da igreja; o anticlericalismo de Wycliffe e Hus apresentando uma eclesiologia radical que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da doutrina de Lutero acerca da igreja; os Franciscanos Espirituais, opondo-se aos conventuais transigentes e criticando duramente a igreja da época por serem um movimento de protesto dentro da igreja, foram esmagados e levados à inquisição; os Valdenses, ligando a eficácia dos sacramentos à qualidade moral dos sacerdotes. A partir destes modelos deve ficar claro que a igreja, nas vésperas da Reforma, encontrase cercada de diversos modelos de espiritualidade e de comunidade cristã.

Os modelos de espiritualidade citados acima foram basicamente três: o Escolasticismo, propondo o equilíbrio apropriado entre a fé e a razão, de um lado, e entre a natureza e a graça, do outro, algo que viria a ser a hesitante preocupação da teologia escolástica; o Misticismo, argumentando que o homem poderia conhecer a Deus através da teologia natural, teologia dogmática e da teologia mística; e, o Humanismo, que até certo ponto foi um movimento de reação ao escolasticismo. Segundo George, a contribuição mais positiva dos eruditos humanistas à renovação religiosa no século XVI foi a série de edições críticas da Bíblia e dos pais da igreja. A seguir serão abordadas as contribuições dos principais reformadores.

1 LUTERO (Alemanha - 1483-1546)

Martinho Lutero, na Alemanha, desenvolveu seu discernimento na teologia paulina ao usar a edição do Novo Testamento grego de Erasmo. Sua teologia era, ao mesmo tempo, bíblica, existencial e dialética. Destinado para o estudo de direito, voltou-se para o mosteiro, no qual, após muitas lutas, desenvolveu uma nova compreensão de Deus, da fé e da igreja. Ele não se tornou um reformador porque atacou as indulgências, ele atacou as indulgências por que a Palavra já havia criado raízes profundas em seu coração. Para ele, no campo da verdadeira teologia, a razão funcionava apenas como princípio ordenador pelo qual a revelação bíblica era claramente apresentada. Sua crítica à teologia escolástica era quanto à exaltação da razão que tirava a primazia da revelação bíblica.

O âmago da teologia de Lutero era seu caráter dialético, como: lei e evangelho, ira e graça, fé e obras, carne e espírito. Por volta de 1517, Lutero abandonou as

rançosas regras dos lógicos e a terminologia dos filósofos. Em sua investigação teológica, ele passou a entender o pecado como uma rebelião fervente. Para ele, a atrocidade do pecado consistia numa energia incontável que não podia ser dominada por meios comuns. A doutrina da justificação elaborada por ele foi bombástica para a teologia do catolicismo medieval. Segundo ele, o fruto da justificação é a fé efetiva no amor.

A doutrina de Lutero afirmava que o homem estava curvado sobre si mesmo, pensando estar livre, mas um pensamento como este só aumentava ainda mais a escravidão do homem ao pecado. Para ele, fora da graça, o homem não possuía nem razão saudável, nem vontade boa, a única preparação infalível para a graça é a eleição eterna e a predestinação de Deus. Segundo ele, depois da queda, o livre arbítrio existe apenas nominalmente. Sua compreensão às três luzes (luz da natureza, luz da graça e luz da glória) levou-o a centralizar suas teses estudando a pessoa de Jesus Cristo. Quanto à sua compreensão de igreja, para ele, a verdadeira igreja era o povo de Deus, a comunidade de cristãos ou, o Credo dos apóstolos, a comunhão dos santos.

O protesto de Lutero contra a Igreja Romana não foi fundamentalmente moral, como o de Erasmo e de outros reformadores, mas sim teológico. A graça de Deus não podia ser comprada ou vendida. Ele sustentava que o evangelho constituía a igreja, não o contrário. O verdadeiro tesouro da igreja é o santo evangelho da glória e da graça de Deus. Para ele, por ser a fé, um dom absoluto de Deus, não definível em termos externos, a igreja também não é uma assembléia física, mas uma assembléia de corações unidos pela mesma fé. Ele sustentava que a fé, mesmo à parte dos sacramentos, era suficiente para a salvação. Ao contrário dos anabatistas, ele nunca defendeu a idéia de uma igreja pura, composta apenas de santos discerníveis, ele estabelecia a continuidade da igreja através de uma sucessão de cristãos verdadeiros.

Quanto ao batismo de crianças, defendido por ele, juntamente com outros reformadores, como Zuínglio e Calvino, dentre outros. Para ele, a vida cristã, nada mais é do que um batismo diário. Um de suas grandes contribuições para a eclesiologia protestante foi sua doutrina do sacerdócio de todos os cristãos. Segundo ele, o sacerdócio universal é tanto uma responsabilidade quanto um privilégio para todos os cristãos.

Para Lutero, a causa fundamental dos abusos na igreja católica era que o papa recusava-se a abrir mão do senhorio temporal. O papa não era o vigário de Cristo glorificado, mas, sim, do Cristo crucificado; sua função não era reger nações, mas, sim, pregar o evangelho. Lutero disse que não chegou à sua teologia por acaso, ele teve que meditar profundamente. Ele entendia que o Estado teria sido ordenado por Deus como concessão ao pecado humano. No luteranismo posterior, a igreja tendeu a transformar-se num departamento do Estado, algo que enfraqueceu sua voz profética dentro da sociedade. Segundo George, o verdadeiro legado de Lutero é sua percepção espiritual do caráter gracioso de Deus em Jesus Cristo, o Deus que ama e sustenta aquele a quem nele se refugia.

A percepção teológica e a certeza de necessidade de mudança litúrgica acompanhada da crença no poder da práxis bíblica são fundamentos indispensáveis para a geração cristã na pós-modernidade. A eclesiologia fundamentada numa teologia bíblica cristocêntrica protege o cristianismo autêntico e promove uma busca pela manifestação da glória de Deus em pleno século XXI.

2 ZUÍNGLIO (Suíça - 1484-1531)

George comenta que Zuínglio e Lutero foram protagonistas do movimento protestante aliados em sua luta contra Roma até que se desentenderam em relação à ceia do Senhor, algo que, segundo ele, dividiu a Reforma permanentemente. O desenvolvimento inicial de Zuínglio foi moldado por dois fatores que continuaram a influenciar seu pensamento por toda a sua carreira: o patriotismo suíço e o humanismo erasmiano. Seu ideal de Reforma para a Suíça resultou na primeira guerra de religião protestante-católica e em sua morte em meio ao combate. Sua teologia desenvolveu-se lentamente em muitas horas de estudo e púlpito e enfatizava a espiritualidade de Deus e repugnava a aparência na religião.

Zuínglio foi aberto à filosofia e à razão, desprezou o misterioso e o sacramental, características que demonstraram sua afinidade com o universo do pensamento erasmiano. Sua formação humanista e a inclinação ao racionalismo levaram alguns estudiosos a vê-lo como precursor da teologia liberal moderna. Ele, assim como Lutero, proclamava a salvação apenas mediante Cristo e entendia a predestinação

como uma defesa contra a justificação pelas obras. Usando a linguagem da teologia escolástica, ele referiu-se a Deus como a primeira causa e o bem supremo.

Segundo Zuínglio, para o verdadeiro cristão, a percepção adequada da providência era uma proteção contra as incertezas e os golpes da vida. Na reforma zuingliana, a Bíblia teve lugar central em suas afirmações; para ele, as Escrituras eram autolegitimadoras. Ele foi bem mais radical do que Lutero na tentativa de podar da vida da igreja os ritos cerimoniais e aparatos religiosos que formavam o esteio da religiosidade medieval. Ele opunha-se severamente às imagens e outras formas de religiosidade cerimonial. Ele afirmava que, pelo amor da glória de Deus, alguém deveria vestir as imagens viventes de Deus, os cristãos pobres, e não ídolos de madeira e pedra.

Três eram as razões principais: o princípio da autoridade bíblica relativizava todas as práticas extra-bíblicas; o treinamento de Zuínglio na via antiqua tornou-o ultra-sensível ao perigo de manter as imagens na adoração; e, ele via a religiosidade cerimonial como substituta da religião verdadeira que ele definiu como “apegar-se a Deus” com inabalável confiança.

Para Zuínglio não havia necessidade de separar a lei e o evangelho em polos opostos. Ele chamava de evangelho tudo o que Deus abre aos seres humanos e exige deles. Para ele, aqueles que entenderam corretamente o mistério do evangelho se esforçarão para viver retamente. Ele também dizia que tudo o que Deus revelou é um mandamento, uma proibição ou uma promessa. Essa interpretação parecia, aos luteranos, abrir a porta para um novo legalismo, uma espécie de justificação evangélica enxertada na mensagem pura do “somente pela fê”.

Zuínglio compreendia que não apenas a igreja, mas o mundo todo, havia se tornado tão corrupto que devia ser absolutamente reformado. Numa famosa afirmação escrita pouco antes de sua morte, ele declarou que o homem cristão é um cidadão fiel e bom e a cidade cristã, Zurique sua maior referência, é a igreja cristã. Segundo George, é possível vê-lo como um tipo de Maquiavel protestante, um estadista religioso decidido a dirigir o destino político de seu povo.

Quanto ao batismo, havia uma teologia (medieval) compreendendo que as crianças que morressem sem o benefício do batismo eram consignadas ao limbo. Em

Zurique foi desenvolvido um costume de sepulturas de crianças não batizadas em certo lugar no meio do cemitério, representando o limbo. Ele opôs-se contra essa prática e rompeu com a ordenança, pois acreditava que o batismo não existia basicamente por causa de quem o recebia: mas, ele era uma garantia para aqueles que o testemunhavam. A conexão entre batismo e arrependimento era de pouca importância em sua teologia batismal. O batismo infantil, para ele, era um fato essencialmente eclesial.

Segundo George, uma das grandes tragédias da história da Reforma, é que tanta luta e tantos danos ocorreram em torno da refeição que Jesus pretendia que fosse uma ceia de paz. Como as indulgências, as missas também eram vendidas às pessoas que estavam dispostas a pagar pelos benefícios pessoais que acreditavam resultar disso. Para os reformadores, essa prática era um esforço inútil que tentava comprar a graça de Deus.

Tanto Lutero, quanto Zuínglio, reconheciam que a missa estava no centro nervoso da religiosidade da baixa Idade Média. Eles rejeitavam o caráter da missa como evento de espectadores, insistiram na centralidade da Palavra na celebração da ceia, rejeitavam a missa como sacrifício oferecido a Deus a favor do povo e descartavam a doutrina escolástica da transubstanciação.

Eles concordavam em que o pão na ceia era um símbolo. Para Lutero, porém, aquilo que o pão significava, o corpo de Cristo, estava presente “em, com e sob” o próprio símbolo. Para Zuínglio, no entanto, o símbolo e a coisa simbolizada estavam separados por uma distância – a extensão entre o céu e a terra. Havia uma controvérsia eucarística que, para George, tanto Lutero quanto Zuínglio tiveram conclusões prematuras e imaturas em alguns aspectos teológicos. Segundo ele, tanto Lutero como Zuínglio eram pastores e teólogos. Cada um tinha uma preocupação pastoral distinta quanto à relação da Eucaristia com a vida da igreja.

George cita que de seus primeiros sermões, em Zurique, até o último, em Kappel, a carreira de Zuínglio foi caracterizada de coragem em face de grande oposição. O seu ousado programa de reformas incluía uma reordenação de toda a comunidade, não apenas da igreja. A experiência vivenciada por Zuínglio pode muito bem ser de referencial para a geração cristã e protestante do século XXI. Assim como

o profeta Jeremias, inspirado por Deus, afirma que o vaso pode ser moldado pelo oleiro como ele bem entender, pode ser dito que Zuínglio foi levantado na Idade Média para contribuir no plano divino de restauração de conceitos e quebra de paradigmas na Idade Média.

As divergências doutrinárias e eclesiásticas na teologia da pós-modernidade não têm tido poder para superar a essência da Palavra de Deus e seu cumprimento do ponto de vista divino. Deus, em sua soberania, tem providenciado, assim como foi em todas as épocas, homens e mulheres, que têm se dedicado a combater o bom combate da fé superando as forças repressoras que afrontam a teologia cristocêntrica e almejam descaracterizá-la. Assim como ocorreu com Zuínglio, a apologia da fé, a restauração de princípios bíblicos, o prazer do serviço cristão, e outros aspectos, têm estado presentes na práxis do remanescente fiel a Deus em pleno século XXI.

3 CALVINO (Suécia - 1509-1564)

Para muitos cristãos contemporâneos, João Calvino é uma figura embaraçosa que prefeririam manter cuidadosamente trancado nos arquivos históricos. Ele foi um reformador da segunda geração, emergiu como líder de um novo movimento e reformador de uma nova teologia. Segundo George, a grande realização dele foi tornar os conceitos clássicos da Reforma (*sola gratia, sola fide, sola scriptura*) e dar-lhes uma exposição clara e sistemática adaptando-os ao contexto civil de Genebra. Embora Calvino tenha descrito a si mesmo como meramente um homem diante do povo, movia-se com facilidade entre os altos escalões da sociedade. Era uma aristocrata de coração, se não de linhagem.

Em meio à reforma francesa, onde horríveis e intoleráveis abusos aconteciam contra os evangélicos franceses, Calvino deixou apressadamente o país e encontrou refúgio na cidade reformada de Basiléia. Ele tentou livrar os evangélicos franceses das acusações de sedição e cisma, pois não eram cidadãos sectários inclinados a derrubar a ordem, mas cidadãos honestos que desejavam apenas restaurar a pureza do evangelho. Ele passou por Genebra e seguiu para Estrasburgo, onde ficou por três anos, tempo que foi decisivo para o seu desenvolvimento como reformador e teólogo. Calvino atuava

em diversas funções, ele era pastor, professor, escritor, estadista da igreja e em sua vida familiar vivenciou experiências diversas.

Segundo George, Calvino pretendia que sua vida e sua teologia fossem um testemunho responsável da Palavra de Deus. Em sua teologia, ele desenvolveu tópicos abordando a obra do Espírito Santo, fé e regeneração, justificação, santificação, liberdade cristã, oração, eleição e ressurreição final. Para apresentar suas convicções ele fez uso de fontes distintas apresentando suas convicções e argumentações. Dentre elas podem ser citadas as seguintes: as Institutas; seu trabalho exegético produzindo comentários bíblicos; sua dedicação à pregação; a elaboração de folhetos e tratados; a redação de cartas; e, a produção de escritos litúrgicos e catequéticos.

Calvino acreditava que Deus não apenas colocara uma percepção inata de si mesmo dentro de todas as pessoas, mas também se revelara nas maravilhas da criação externa. Ele entendia que não havia um conhecimento próprio de Deus que não envolvesse o autoconhecimento humano. Para ele, todo ser humano é essencialmente uma criatura religiosa. Ele enfatizou que mesmo que não houvesse inferno a pessoa verdadeiramente piedosa estremeceria só de pensar em ofender a glória de Deus.

Para descrever o processo de revelação, Calvino usou a palavra adaptação, um termo da retórica clássica que ele estudara como humanista. O objetivo desta retórica era ajuntar, adaptar, conciliar ou encaixar certa linguagem de maneira que fosse apropriada para os ouvintes pretendidos. Calvino usou duas imagens para descrever a Bíblia, a primeira para mostrar como ela foi entregue e a segunda para ilustrar sua função na vida cristã.

Calvino manteve a unidade da Palavra e do Espírito contra dois erros opostos. Por um lado, os católicos subestimavam o papel do saber, subordinando as Escrituras à igreja. Por outro, o Espírito Santo não desviava das Escrituras, mas era reconhecido em sua conformidade com ela. Toda a teologia de Calvino foi desenvolvida dentro dos limites da objetividade da revelação de Deus nas Escrituras Sagradas e do testemunho confirmador e iluminador do Espírito Santo no cristão. Segundo Calvino, a tarefa do teólogo, não é deleitar os ouvidos, com arguir loquazmente, mas firmar as consciências, ensinando o verdadeiro, o certo, o proveitoso. Conhecer a Deus é o propósito central do homem, justificando sua existência.

Para Calvino, a criação tinha um significado muito importante para os cristãos. Para ele, a intenção direta de Deus com o mundo não significa que ele não poderia usar causas “secundárias” para efetuar a sua vontade. Ele entendia que a vontade de Deus é um termo universal, mas traz um sentido múltiplo. Com toda sua reputação de teólogo de lógica rigorosa, Calvino preferiu viver com o mistério e a incoerência de lógica a violar os limites da revelação ou imputar culpa ao Deus que as Escrituras retratam como infinitamente sábio, completamente amoroso e absolutamente justo.

Em sua Cristologia, ele afirmava que a tarefa da teologia verdadeira é restaurar a doutrina de Cristo como ela é. O tema que domina a Cristologia de Calvino não é o conhecimento de Cristo em sua essência, mas seu papel redentor como Mediador. Ele afirmou categoricamente que Jesus Cristo como Mediador era tanto Deus verdadeiro, como homem verdadeiro, explicando a obra de Cristo sob o aspecto do ofício triplo de Cristo, como Profeta, Rei e Sacerdote. Cinco aspectos da doutrina de Calvino que trazem as marcas de seus conceitos teológicos: Deus desejou revelar à humanidade a sua bondade em Cristo; o amor de Deus pelo homem através do sacrifício de Cristo; a eficácia da salvação não estava limitada à morte de Cristo; a ressurreição, a ascensão de Cristo e a promessa de sua Parousia; a conversão é uma chamada a uma vida de obediência radical a Cristo.

Entre os temas abordados por Calvino, o seu conceito de predestinação é o mais discutido. Segundo George, o ensino de Calvino sobre a predestinação é basicamente o de Lutero e Zuínglio. Ele é tratado no contexto da doutrina de Deus como uma aplicação especial da doutrina da providência. Para George, a doutrina da predestinação pode ser exposta em três palavras: absoluta, particular e dupla.

Para Calvino, a igreja é chamada como casa de Deus, porque ele apenas não recebe os homens como filhos pela graça da adoção, mas ele mesmo habita no meio da congregação. A igreja é como uma escola, na qual há uma necessidade de instrução contínua. Calvino tem sido visto como autor de uma concepção da humanidade totalmente pessimista. Ele concordava com Agostinho, que ensinava que o pecado de Adão tivera conseqüências desastrosas para a humanidade. O pecado não era simplesmente o nome para atos perversos, mas é a direção e a inclinação da natureza humana em sua condição decaída.

Na concepção de Calvino, em cada pessoa está plantada uma semente de religião, uma percepção de divindade que resulta em impiedade, a qual consiste no amor misturado com a reverência a Deus, ou então em idolatria, a produção de adoração de deuses. Para George, a teologia de Calvino pode ser positiva quando a teologia verdadeira é uma reflexão reverente sobre a revelação de Deus na Bíblia e, de forma negativa, quando a teologia vagueia em vãs especulações. A insistência de Calvino na iniciativa soberana de Deus na salvação seria um corretivo saudável ao neopelagianismo prevalente no cristianismo americano contemporâneo. Calvino não buscou sua própria glória, mas morreu confessando que tudo o que ele fez não valia nada. Será que os teólogos do século XXI tem tido esse mesmo conceito sobre si?

MENNO SIMONS (Holanda - 1496-1561)

A reforma radical não foi meramente uma “ala”, um efeito colateral que revelou apenas uma forma mais extrema da Reforma: antes, foi um movimento que gerou nova forma de fé e vida cristãs. Havia três grupos distintos: os anabatistas, os espiritualistas e os racionalistas. Cada ramo da reforma radical ligou-se a uma destas raízes. Os reformadores radicais viveram fora da ordem estabelecida. Muitos deles aceitaram o exílio, a tortura e o martírio, em vez de negar sua fé. Para todos os radicais, o verdadeiro cristianismo era pessoal, experiencial e individual.

Dentre eles, surge Menno Simons, na Holanda, um homem compadecido das ovelhas desgarradas que vagavam sem pastor. Menno, apesar de influente e com reputação de pregador evangelístico, percebeu que não estava vivendo à altura do evangelho que lhe estava sendo proposto e rompeu definitivamente com a igreja de Roma. De sua ordenação até os últimos dias de vida, Menno exerceu influência marcante nos anabatistas nos Países Baixos e da Alemanha setentrional. Durante a maior parte desses anos, ele levou a vida de um herege perseguido, pregando à noite em lugares secretos, batizando novos cristãos em córregos no campo em lagos distantes, abrindo igrejas e ordenando pastores, de Amsterdã à Colônia até Danzique e, conscientizando as igrejas de sua missão no mundo.

A teologia de Menno era situacional, ela emergiu no contexto de seu envolvimento ativo na vida da igreja. Seus escritos revelam o curso de sua carreira

tumultuada. Menno nunca teve tempo disponível para produzir textos eruditos ou desenvolver uma teologia sistemática. Sua mais influente obra foi o *Fundamento da Doutrina Cristã*. Ela era uma apologia aos anabatistas que escolheram a via da cruz em vez daquela da espada. Esta foi a obra-prima de Menno. Entre outras obras, ele escreveu, na maior parte, admoestações pastorais relacionadas à disciplina na igreja e à espiritualidade.

Para Menno, a fé era a apropriação interior do evangelho e sua principal ênfase era na necessidade do novo nascimento. Para entender de maneira mais completa a doutrina da salvação de Menno, é preciso entender seu conceito de pecado. Para ele, havia quatro tipos ou níveis de pecado: o pecado original que trouxe sobre o homem conseqüências espirituais e naturais (portador de uma natureza corrompida e pecaminosa desde o nascimento); os pecados concretos, as obras da carne; as fraquezas, erros e tropeços humanos que ainda se encontram entre os santos e os regenerados; e, o cair da graça por vontade e impiedade.

Menno atribuía, da criação à vida eterna, a atuação da graça de Deus. Ele frequentemente se dirigia a seus seguidores como os eleitos e os escolhidos. Sua teologia procurava equilibrar as obras de justiça da soteriologia católica medieval e o determinismo teológico dos protestantes principais. Em lugar algum ele desenvolveu explicitamente suas idéias sobre a autoridade, a natureza e o significado da Bíblia, porém, ele estava completamente saturado pela linguagem e temas bíblicos. Em sua conversão, a importância foi fundamental. Sua compreensão das Escrituras foi desenvolvida em diálogos com os principais reformadores, por um lado, e com os espiritualistas radicais, por outro.

Em seus debates com pastores reformados, Menno frequentemente os acusava de terem bases bíblicas insuficientes para suas oposições. Segundo George, ele não era capaz de permanecer fiel à sua própria regra. Para Menno, o Novo Testamento tinha precedência sobre o Antigo em sua interpretação das Escrituras e, em sua compreensão, a antiga aliança foi substituída pela novidade radical do reino de Cristo. Menno foi criticado pelos radicais por seu biblicismo positivo e por tentar organizar os anabatistas pacíficos em congregações visíveis.

George comenta que Menno tentou reformular a clássica doutrina da Trindade em termos puramente bíblicos, evitando a linguagem especulativa e filosoficamente sobrecarregada dos debates patrísticos. Quanto à encarnação, Menno não admitia que Cristo teria recebido sua natureza humana de Maria, se assim fosse teria sido contaminado pelo pecado adâmico. Em meio a certos espiritualistas, anabatistas e racionalistas evangélicos, surgiu em diversas formas o ensino de que, quando Cristo se encarnou, trouxe dos céus consigo o próprio corpo. A tradição reformada geralmente sustentava que o Espírito Santo purificou miraculosamente a semente corrupta de Adão, de forma que Jesus estava livre do pecado original, apesar do fato de que herdou uma natureza totalmente humana. Para Menno, a origem de Cristo era inteiramente celestial.

A teoria de Menno sobre Maria foi confirmada pela teoria fisiológica corrente na época (derivada de Aristóteles) de que a mulher era um elemento completamente passivo na geração da descendência. Ele acreditava que sua formulação havia preservado tanto o caráter sem pecado de Cristo quanto a realidade de sua natureza humana. Seus opositores acusaram-no de ensinar uma cristologia docética, a antiga heresia de que Cristo aparentava somente humano. Ele não hesitava em dizer que o Deus Filho sofreu e morreu tanto em sua divindade quanto em sua humanidade, uma formulação que os teólogos reformados relutavam em admitir.

Para Menno, a igreja verdadeira era uma comunidade intencional, constituída de elementos regenerados que voluntariamente adotavam uma vida de discipulado, empenhando-se um para com o outro num amor e numa mutualidade convencionais. Ao contrário de Lutero, Zuínglio e Calvino, os reformadores radicais estavam mais preocupados em restaurar a igreja primitiva, a qual, eles acreditavam, havia caído ou apostatado. Menno via na igreja, a *Gemeente*, termo que designava a fraternidade ou comunidade viva de cristãos, a verdadeira comunhão dos santos.

A doutrina do batismo de Menno Simons praticada por seus seguidores fez com que seus opositores dessem a eles o título de anabatistas. Menno declarou que devido ao batismo, eles estavam sendo injuriados, perseguidos e difamados por seus opositores. Segundo George, a doutrina batismal de Menno pode ser apresentada da seguinte forma: a fé não vem do batismo, mas o batismo procede da fé; os bebês não

são suscetíveis de fé e arrependimento, não devendo ser batizados; o batismo como iniciação pública do cristão numa vida de discipulado absoluto.

A ênfase de Menno na pureza da igreja estava diretamente relacionada à sua Cristologia da “carne celestial” e à sua concepção da ceia como banquete matrimonial ou refeição comunitária com o Cristo sem pecado. Ele expôs uma base racional em quatro partes para a prática deste sacramento sagrado:

- Repudiando o literalismo sacramental.
- Considerando a ceia uma garantia do amor de Cristo pelo homem.
- Identificando a ceia como um vínculo de unidade, amor e paz cristã.
- Experimentando na ceia a comunhão do corpo e do sangue de Cristo.

A incapacidade das igrejas oficiais de manter a disciplina adequada, junto com suas doutrinas falsas e sacramentos “idólatras”, era citada como motivo fundamental para os radicais se separarem deste tradicionalismo. Os radicais puniam com a exclusão aqueles que pecavam pelo alcoolismo, adultério, juramentos, casamentos com incrédulos, brigas conjugais, corrupção eclesiástica (desvio de dinheiro da congregação) e ensinamentos hereges. Enfrentando perseguições e hostilidades externas, as igrejas anabatistas estavam especialmente alertas contra a corrupção ou complacência internas.

Para os anabatistas, uma igreja verdadeira e visível era ao mesmo tempo uma comunidade rebatizada de santos reunidos, separados do mundo em sua constituição política autônoma e na abstenção de todas as ligações violentas. O fenômeno do anabatismo não foi simplesmente a forma mais radicalizada da queixa protestante contra a Igreja de Roma, mas foi uma busca bem definida por um novo sentido de comunidade cristã, divergindo em pontos cruciais tanto do modelo protestante quanto do católico.

Os reformadores radicais foram cruelmente reprimidos por magistrados protestantes e católicos. Menno exortou seus seguidores, como soldados e conquistadores em Cristo, a enfrentar com firmeza e coragem o sacrifício supremo. Embora a igreja anabatista tenha sido exterminada em alguns países, com derramamento de sangue e perseguições, ela não foi aniquilada em todas as partes do mundo.

Quanto ao batismo, Simons passou mais tempo refutando os erros dos seus opositores do que expondo sua própria teologia formal sobre o mesmo. Contudo sabe-se que entre os anabatistas, o batismo simbolizava uma mudança radical de identidade e de viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todas as suas críticas das doutrinas oficiais do catolicismo medieval, os reformadores viam-se numa ligação básica com os dogmas fundamentais da igreja primitiva. Contudo, os reformadores não repetiram simplesmente os dogmas clássicos do período patrístico. Eles consideravam necessário entendê-los e aplicá-los ao âmbito da soteriologia e da eclesiologia e estavam mais preocupados com a obra de Cristo do que com a pessoa de Cristo. De fato, as doutrinas reformadas da justificação e da eleição não apenas são inconcebíveis à parte da base do consenso trinitário e cristológico, próprio da igreja primitiva, mas também constituem o resultado e a aplicação necessários de tal consenso.

As diferentes nuances cristológicas entre os reformadores eram substanciais e importantes, mas o texto favorito de Menno (1Co.3.11) poderia servir de tema básico para cada uma delas: a revelação de Deus em Jesus Cristo é o único fundamento, o único critério obrigatório e exclusivo para a vida e a teologia cristã. Na perspectiva da Reforma, a igreja de Jesus Cristo é aquela comunhão de santos e congregação dos fiéis que ouviram a Palavra de Deus nas Escrituras Sagradas e que, com o serviço obediente ao seu Senhor, prestam testemunho dessa Palavra ao mundo. Uma teologia que se baseia na doutrina reformada das Escrituras Sagradas não tem nada a temer com as descobertas precisas dos estudos bíblicos modernos e pós-modernos.

Cada um dos reformadores estudados incorporou um tema de espiritualidade diferente, o qual tanto moldou a expressão teológica particular adotada quanto foi por ela moldado. Para cada um deles, a vida em si era litúrgica. A pregação, a oração, o louvor e os sacramentos eram expressões comuns de fé e da devoção, originárias das vidas transformadas de homens e mulheres que haviam sido alcançados pela graça de Deus. Segundo George, pode ser dito que enquanto Lutero aceitava o mundo como um mal necessário, Zuínglio e Calvino procuravam conquistar o mundo, transformar e reformá-lo com base na Palavra de Deus, porque ele era o teatro da glória de Deus. Menno Simons e a tradição anabatista apresentam uma imposição ética em confronto com a cultura de sua época.

Como a teologia dos reformadores pode desafiar, corrigir e orientar os esforços dos atuais cristãos para teologizar fielmente com base na Palavra de Deus? A validade permanente da teologia da Reforma é que, apesar das muitas ênfases variadas que contém dentro de si, ela desafia a igreja a ouvir reverente e obedientemente aquilo que Deus disse de uma vez por todas e efetivamente fez em Jesus Cristo. A reforma lembra que o culto e a espiritualidade são uma estrada em dois sentidos: não só o culto tem efeito moldador sobre a teologia, mas também a renovação teológica pode levar a uma revisão litúrgica e prática do que se entende por Cristianismo.

A herança litúrgica da Reforma faz cada cristão recordar a convicção de que acima de tudo, o culto deve servir para o louvor do Deus vivo. Com os anabatistas pode-se aprender a ligação intrínseca entre batismo, arrependimento e fé; com os reformadores principais pode-se aprender que, no batismo, o arrependido diz algo à Deus e à comunidade cristã, enquanto o próprio Deus também fala, pois o batismo tanto é o dom de Deus quanto a resposta humana a este dom. Em meio a estes conceitos e exemplos de fé e coragem, quais seriam as orientações éticas e teológicas relevantes para a igreja do século XXI?

Concordando com George, nenhuma delas é suficiente por si só. A ênfase reformada no envolvimento no mundo pode transformar a igreja em pouco mais do que uma junta de ação política ou uma organização de serviço social, enquanto a crítica anabatista da cultura pode decair para um separatismo improdutivo, que esqueceu seu sentido de missão.

Para George, a nova ética de amor e não-resistência talvez tenha sido a marca singular mais distintiva dos anabatistas evangélicos. Ressoando ao longo dos escritos de Menno são encontradas numerosas e eloqüentes súplicas pela tolerância religiosa. Não seria esse o anseio de todas as religiões na pós-modernidade? Ele acreditava que a verdadeira igreja de Cristo era caracterizada pelo fato de que sofria e suportava a perseguição, mas não infligia perseguição a ninguém. É assim que tem acontecido neste século XXI? Houve algum progresso em relação à época de Menno? A peculiaridade da Reforma é indiscutível, mas o espírito reformador precisa permear a teologia cristã até que todo o propósito divino, em relação à humanidade, se cumpra.

Trata-se de uma obra inspiradora e desafiadora que pode levar teólogos e estudiosos da história cristã a uma compreensão mais profunda da importância de tornar a teologia algo prático na vida cristã e social. Esta obra é um instrumento de grande valor para despertar no cristão sua responsabilidade pessoal em meio à sociedade. Ela estimula o cristão a observar o ambiente à sua volta incentivando-o a exercer sua liberdade religiosa de modo maduro e equilibrado com o intuito de obedecer aos ensinamentos das Escrituras, promovendo debates e auto-análises no convívio social.